

A PRAGA DE CIPRIANO DE CARTAGO (C. 249-270 D.C.): UMA RESPOSTA POLÍTICA E SOCIAL À PANDEMIA*

Érica Cristhyane Morais da Silva**

Belchior Monteiro Lima Neto***

Resumo: *A Praga de Cipriano foi uma pandemia que durou 21 anos, entre 249 e 270 d.C., ocorrida no contexto do período denominado, convencionalmente, Crise do Século III (235-284 d.C.). No presente artigo, busca-se expor as principais correntes de interpretação acerca dessa pandemia, de modo a compreender como esse surto epidêmico impactou um contexto de acontecimentos críticos, o qual impôs desafios ao Estado imperial e à sua população. Nesse sentido, com base nas evidências documentais disponíveis, intenta-se refletir sobre as respostas sociais e políticas dadas à pandemia, a partir da compreensão das políticas empreendidas pelos imperadores no espaço temporal da ocorrência dessa praga. Recorre-se, para tanto, aos tratados *Ad Demetrianus* e *De mortalitate*, de Cipriano de Cartago, entre outros documentos de autores antigos que fornecem dados sobre a pandemia (*De laudi martirii*, de Pseudo-Cipriano; *Vita Cipriani*, de Pôncio, o Diácono; *Epistula*, de Dionísio de Alexandria, descrita por Eusébio de Cesareia, em *Historia Ecclesiastica*). Em nossa opinião, a Praga de Cipriano foi um expressivo aspecto do chamado contexto da Crise do Século III, que influenciou diretamente as políticas religiosas e sociais dos imperadores romanos do período, em especial, no tocante aos territórios da África romana.*

* Recebido em: 04/09/2020 e aprovado em: 30/09/2020.

** Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Franca (Unesp/Franca). Professora de História Antiga no Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção Espírito Santo (Leir-ES), e do Grupo do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção Franca (G.Leir-Franca). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0099-5848>.

*** Doutor em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professor de História da África no Departamento de História do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Ufes. Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, Seção Espírito Santo (Leir-ES), com pesquisa financiada pelo Edital Universal da Fapes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4119-596X>.

Palavras-chave: pandemias; Império Romano; cidade tardo-antiga; Cipriano de Cartago.

THE PLAGUE OF CYPRIAN OF CARTHAGE (C. 249-270 AD):

A POLITICAL AND SOCIAL RESPONSE TO A PANDEMIC

Abstract: *The Cyprian Plague was a pandemic that last for twenty and one years between 249-270 AD during what we use to call The Third-Century Crisis (235-284 AD.). In this paper, we will present the mainstream of interpretation about this pandemic in order to understand how this epidemic outbreak impacted the historical context mentioned above as a period that we can classify as a context of critical events that impose challenges to the imperial state and the population. In this sense, we will discuss about the social and political responses to the pandemic regarding policies undertaken by the roman emperors in the timeframe of the occurrence of this plague based on the available source's evidence. Our primary sources for this debate will be the treatises *Ad Demetrianus* and *De mortalitate*, written by Cyprian of Carthage, among other documents written by other ancient authors that provides us data on the pandemic (*De laudi martirii*, written by Pseudo-Cyprian; *Vita Cipriani*, written by Pontius, The Deacon; *Epistula*, written by Dionysus of Alexandria and we can find it at *Historia Ecclesiastica*, written by Eusebius of Caesarea). We argue that The Plague of Cyprian was an important feature of the so-called Third-Century Crisis context that impacted the religious and social policies of the Roman emperors of this period, specially for those who inhabit Roman Africa territories.*

Keywords: *pandemics; Roman Empire; Late Antique city; Cyprian of Carthage.*

Introdução

Os surtos epidêmicos não são acontecimentos raros no mundo antigo. Várias epidemias são, inclusive, muito divulgadas, como nos casos da *Praga de Atenas* (430-426 a.C.),¹ da *Praga Antonina* (165-180 d.C.) e da *Praga Justiniana* (541-750 d.C.).² Menos conhecida e pouco evocada na historiografia,³ a *Praga de Cipriano* foi uma epidemia que durou cerca de 21 anos, entre 249-270 d.C., tendo ocorrido durante o período que denominamos, tradicionalmente, *Crise do Século III* (235-284) (HARPER, 2015; 2016; 2017; LIEBESCHUETZ, 2015).⁴ Cipriano de Cartago é testemunha chave, junto com outros autores e documentos de cultura material,⁵ oferecendo-nos evidências e relatos acerca dessa *pandemia*, que assolou vários territórios do Império Romano (vide Mapa 1).⁶ Tásccio Cecílio Cipriano era

bispo, em Cartago, à época da irrupção da pandemia. Recém convertido ao cristianismo, ele foi eleito bispo pelos clérigos em 248/9 d.C., contando com apoio da população de Cartago e obtendo, mesmo com a existência de uma oposição significativa à sua eleição, a confirmação ao episcopado em 252 d.C. (BRENT, 2010, p. 2; GASSMAN, 2019, p. 1-17; SAGE, 1975, p. 138).⁷ Grande quantidade dos escritos de Cipriano sobreviveu e chegou até nós, de modo que nos é possível inferir sobre sua formação clássica, as controvérsias das quais participou e – significativo no espaço deste artigo – acerca da irrupção de uma praga pouco explorada no conjunto da historiografia contemporânea, particularmente no que tange aos manuais sobre epidemias na História.⁸

Em 252 d.C., Cipriano compõe *Sobre a mortalidade (De mortalitate)*, direcionada à comunidade cristã cartaginesa a fim de atenuar o desespero e as dúvidas advindas com o surto epidêmico (BRENT, 2010, p. 106). Classificada como uma literatura cristã, latina e consolatória,⁹ essa obra é considerada a primeira consolação cristã (SCOURFIELD, 1996, p. 12; FAVEZ, 1937, p. 15).¹⁰ *Sobre a mortalidade* é valiosa por vários motivos, especialmente por conter evidências significativas a respeito da chamada *Praga de Cipriano*, versando não sobre a “morte de um indivíduo em particular, mas sobre os problemas enfrentados por toda uma comunidade, incluindo o luto coletivo” da comunidade cartaginesa e cristã (SCOURFIELD, 1996, p. 13). Cipriano exorta sua congregação a abraçar, aceitar a mortalidade, i.e., a praga,¹¹ e se resignar diante dos desígnios de Deus. Com essa argumentação valiosa, *Sobre a mortalidade* se estrutura, *grosso modo*, segundo Deferrari (2007, p. 197-198), da seguinte forma:

I. Introdução: (1) Por meio de excertos extraídos das Escrituras, a fraqueza espiritual dos cristãos, exibida diante deste momento de prova, pode ser superada. II. A morte não deve ser temida, mas bem-recebida (2-19): (1) A praga não é um mal inesperado, pois foi profetizada como um sinal da vinda do reino de Deus com sua felicidade eterna (2-3); (2) A vida é uma série de batalhas contra as forças do diabo; a morte é a liberação desta constante luta (4-5); (3) A relutância em morrer mostra um amor pelas alegrias mundanas e pouca confiança nas Escrituras ou na providência de Deus (6-7); (4) Ao suportar a praga com resignação, o cristão deseja acumular méritos para si mesmo (8-19), (a) A aflição de cristãos, bem como

de pagãos, beneficia os primeiros ao testar a fé daqueles (8-13), (b) As dores e os resultados da doença têm um efeito salutar sobre os cristãos, pois eles libertam os últimos do mundo ou os preparam para a glória vindoura (14-16), (c) A perda do martírio não deve causar preocupação; obediência e resignação à vontade de Deus são requisitos para o céu (17-19); III. Não deve haver luto pelos mortos (20-24): (1) O luto revela falta de confiança nas promessas de Deus (20-24). IV. Conclusão (25-26). (1) A morte pela praga traz uma liberdade antecipada do mundo (25); (2) Considere as alegrias do paraíso.

Há ainda outro escrito de Cipriano em que o autor evidencia elementos relacionados à praga: *A Demetriano (Ad Demetrianus)*. A obra é classificada como um *tratado apologético*, ou considerada como *epístola*. *A Demetriano* data de 253 d.C., quando as consequências da praga são sentidas com mais intensidade em Cartago (GALLICET; VERONESE, 2018, p. 9-10). Nesse tratado apologético, a intenção de Cipriano era eximir os cristãos da acusação de que eram os responsáveis pela seca, pela pestilência e pela guerra intestina pelas quais passava o Império Romano (HARPER, 2017, p. 155). Embora essa documentação seja importante, poucos são os estudos ou análises sobre o seu conteúdo histórico. Afora os trabalhos de tradução, a única reflexão sistemática que encontramos sobre essa documentação foi a realizada por Edward White Benson (1897), que a insere no capítulo VI da obra biográfica intitulada *Cyprian*. No mencionado capítulo, Benson (1897, p. 236-274) interpreta *A Demetriano* à luz de uma realidade de crise e acontecimentos catastróficos (ataques berberes, pragas, penúria, escassez, seca, tornados e tempestades sem precedentes) nas províncias africanas, em especial os ataques direcionados às comunidades cristãs aí constituídas. *A Demétrio*, segundo Benson (1897, p. 249-250), expressa toda

[...] a preparação que os cristãos de Cartago estavam recebendo para seu conflito com a miséria de uma cidade pagã. Nesse ínterim, o rancor de sua população, que havia causado guerras, secas e pestes à porta dos cristãos, encontrou voz mais enfática do que o normal nas declarações de um velho magistrado, Demetriano. Depois de ter sido admitido livremente na qualidade de um inquiridor na casa de Cipriano, ele estava agora, com um pé na cova, agindo como se estivesse em um tribunal e não apenas como um severo

executor de estatutos penais, mas como um inventor engenhoso de torturas. Ele estava abrindo novas suspeições [contra os cristãos] que [provavelmente] ele mesmo colocou em circulação, são imputações as mais dramáticas contra o acusado.

Demetriano era um proeminente membro – provavelmente pagão – da elite cidadina africana, sendo responsável,¹² segundo Deferrari (2007, p. 163), por reviver o rumor de que “as calamidades do Império Romano [...] – guerra, peste, fome, seca – deviam ser causadas em razão do desprezo dos cristãos para com os deuses pagãos”. Acusações como essas foram realizadas muito antes da época de Cipriano,¹³ sendo que, para os apologistas cristãos, tais infortúnios eram “infligidos aos romanos por causa da obstinação e maldade destes pela contínua perseguição aos cristãos” (DEFERRARI, 2007, p. 163). *A Demetriano* é, portanto, a versão-resposta, de Cipriano, contra as acusações dirigidas aos cristãos como causadores da peste. Esse tratado é composto por 26 capítulos e, segundo Deferrari (2007, p. 164), se trata de um “panfleto com um rigor requintado e apaixonado”.

Por fim, ainda é necessário mencionar duas outras documentações escritas: as epístolas de Dionísio de Alexandria, preservadas na *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia; e a *De laude martyrii*, documentação incorporada aos escritos de Cipriano, mas, certamente, escrita entre 252 e 253 d.C. por um cristão norte-africano contemporâneo à *Praga de Cipriano* (HARPER, 2016, p. 473). Ambas fornecem evidências adicionais para a compreensão desse surto epidêmico. Das três epístolas de Dionísio de Alexandria, preservadas na *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia (VII, 21-23), duas falam especificamente dos eventos da *Praga de Cipriano*, e a terceira trata sobre Décio e seus sucessores. Ainda é digno de nota observar que as epístolas de Dionísio de Alexandria constituem a evidência primária mais antiga sobre a praga, servindo como relato que marca o início do surto, em 249 d.C., em conexão com a narrativa acerca da morte de vários líderes eclesiais (HARPER, 2015, p. 227; BENSON, 1897, p. 244). A esse conjunto de documentos escritos associados à *Praga de Cipriano*, ainda podemos agregar evidências da cultura material: numismática, como as moedas imperiais cunhadas à época da ocorrência da praga, cuja representação do deus Apolo pode-se destacar (**Fig. 2**); e arqueológica, cujos restos mortais encontrados em uma sepultura coletiva durante escavações no complexo funerário de Harwa e Akhimenru, na margem oeste da antiga

cidade de Tebas, atual Luxor, sinalizam o drama da morte no contexto da pandemia (JARUS, 2014; Fig. 2).

Apesar desse panorama e mesmo com todo o arsenal documental disponível, a *Praga de Cipriano* ainda é pouco conhecida ou compreendida como parte da história dos grandes surtos antigos. Parte desse silêncio se deve, como argumenta Harper (2017, p. 137), a uma mudança de interpretação com relação ao que ficou conhecido como a *Crise do Século III*. Harper (2017, p. 137) afirma:

[...] de forma mais sutil, a negligência origina-se na falha em avaliar o quão excepcionais os verdadeiros eventos pandêmicos têm sido. O simples fato de um evento de mortalidade atestado contemporaneamente em parcelas extremas do império merece investigação cuidadosa. A Peste de Cipriano não foi um episódio na vida de Cartago do século III; foi um evento de doença transcontinental de rara magnitude.

Em consonância com a afirmação de Harper (2017) e dada a significância da epidemia no cotidiano da sociedade romana à época, propomos compreender a *Praga de Cipriano* à luz do contexto do século III. Intencionamos, portanto, refletir sobre os debates acerca desse controverso episódio histórico e, em seguida, discorrer sobre as respostas imperiais aos surtos epidêmicos, defendendo, de modo mais preciso, que a *Praga de Cipriano* está associada de forma umbilical ao que se convencionou chamar de *As Grandes Perseguições*.¹⁴

A crise do século III

O conceito de *Crise do Século III* tem uma recepção bastante relutante entre os especialistas da Antiguidade Tardia.¹⁵ Os problemas referentes à sua utilização para denotar o período da história romana compreendido, convencionalmente, entre os anos 235-284, foram destacados, pela primeira vez, por Karl Strobel (1993, p. 285-297; p. 299-348) e por Christian Witschel (1999, p. 239-374) (DE BLOIS, 2019, p. 24). Segundo Liebeschuetz (2015, p. 20-22), as críticas desses autores atingiam, por um lado, o tratamento e a análise documental realizados pelos especialistas, que consideram o conjunto dos testemunhos cristãos, em razão dos relatos pessimistas destes últimos à luz das perseguições deflagradas à época do governo

de Décio (249-251), como evidência da crise; e, por outro, a concepção de homogeneidade dada a todas as regiões do império, quando, na verdade, é possível constatar que alguns territórios sequer sentiram os impactos da crise. Klaus-Peter Johne e Udo Hartmann (2008, p. 1025-1053), propondo uma visão mais equilibrada sobre esse contexto, somam mais argumentos ao debate, declarando que, embora a crise do século III d.C. tenha existido, isso não significa pensar que tenha englobado “um cataclismo em todas as regiões do império”, observando que, entre 235 e 284, “houve diferentes fenômenos de crise”. Ademais, ao fazer eco aos argumentos de Strobel e Witschel, Johne e Hartmann (2008, p. 1033, 1039-1040, 1046, 1049) destacam que: 1) a agricultura e o urbanismo não foram afetados em áreas em que não havia guerras, e, em fins do século III d.C., uma quantidade significativa de cidades apresentava relativa prosperidade, embora os *curiales* tenham perdido poder para militares, burocratas e patronos, que se tornaram o topo da hierarquia social; 2) o Senado talvez tenha sido o que mais transformações sofreu, uma vez que seus membros foram destituídos dos exércitos (do controle) e do governo provincial, agora sob o controle da ordem equestre.¹⁶

A crise, no entanto, é fundamentada, particularmente, em relação aos impactos sofridos com as *invasões bárbaras*,¹⁷ como destaca Ramsay MacMullen (1976, p. 1-2):

Se o meio século depois de 235 d.C. é abordado da mesma maneira que os historiadores contemporâneos e mediante o fato mais evidente e acessível, as suas características principais podem ser alinhadas de maneira compreensível. Primeiro, as guerras com os estrangeiros. A campanha sem sucesso de Alexandre Severo preparou sua morte. Estas também impediram seus sucessores de fixarem sua posição no trono. Tais fracassos recorrentes na tentativa de restaurar a estabilidade política geraram conflitos e atraíram invasões. Os Augustos teriam que se armar em duas frentes. Eles precisavam de dinheiro de maneira jamais vista antes, leis e homens que pudessem os prover disso. Os exércitos, a burocracia e impostos cresceram repentinamente e simultaneamente. Ao mesmo tempo, a economia, nas áreas próximas ao cenário de guerras, se torna incapaz de cumprir essas demandas pois eram pilhadas e depredadas em razão das guerras em seu território e isto combinado com

o desespero de ampliar o suprimento de metais para a cunhagem de moedas. A inflação chegou a níveis sem precedentes. Com isso (bem como com a adição de pragas, divinamente coroou todo o contexto de catástrofe) e mesmo as pessoas alocadas em lugares menos conflituosos como a Câmpania ou o sul da Gália tiveram que reconsiderar e se adaptar a conviver com este cenário.

Outra característica das interpretações sobre esse contexto histórico são os diversos marcos temporais para o início e o fim da *Crise do Século III*. Conforme Udo Hartmann (2017, p. 1), esse é o *Período dos Imperadores Soldados*, que, pela perspectiva político-militar, se inicia em 235 d.C., com a ascensão ao trono de Maximino Trácio,¹⁸ e termina, em 284 d.C., com a ascensão de Diocleciano. Para Andreas Alföldy (1939, p. 165-193), a crise se instala a partir do governo de Décio (249-251) e se estende até o processo de estabilidade que começará com a ascensão de Aureliano (270-275). Sob a perspectiva da praga, o período de ocorrência da crise se estende de 249 até 270. O marco inicial se justifica pelo primeiro relato de mortes de que temos notícia: as cartas de Dionísio de Alexandria, que reportam sobre as mortes de bispos e diáconos; no tocante ao marco final, em 270, há os relatos tardios sobre ocorrência de mortes em populações circum-mediterrâneas (HARPER, 2015, p. 224). Mesmo sob essa perspectiva, a visão sobre a crise epidêmica é interpretada como potencialmente destrutiva, contribuindo para o colapso do sistema. Nesse sentido, a crise, tradicionalmente e com frequência, se torna associada às concepções de ruptura e descontinuidade, sendo sempre vista como algo negativo às estruturas, aos sistemas ou/e às ordens instituídas nos quais se instala, destruindo-os, mesmo tendo variações regionais e uma profícua produção literária e cultural com reflexões filosóficas e debates jurídicos inovadores (JOHNE; HARTMANN, 2008; SOUTHERN, 2015, p. 1-17).¹⁹ Não obstante, como argumenta Klaus-Peter John e Udo Hartmann (2008, p. 1031), “o conceito de crise associado ao de declínio e decadência não oferece um modelo adequado para uma interpretação histórica”, sendo, portanto, necessário que o apliquemos de forma diferenciada e sem uma conotação negativa.

As crises são, conforme supõe Thomas Kuhn (1985, p. 88, 104, 107), a precondição “necessária para a emergência de novas teorias”, e é “durante as crises que se produzem mudanças em grande escala nos paradigmas”, ou seja, caracterizam-se como momentos inovadores e de emergência de

anomalias não solucionadas por paradigmas tradicionais. Em suma, a crise representa as inadequações dos métodos tradicionais frente aos desafios enfrentados, no caso em estudo, no século III d.C., sendo ela uma crise do sistema político, das estratégias políticas e militares herdadas do *Principado*. Os imperadores e a sociedade do século III desenvolveram novas e criativas formas de enfrentar os problemas que emergiram nesse século, em especial entre os 249 e 270, anos da *Praga de Cipriano*. Uma crise que fomentou respostas e medidas extraordinárias e inventivas para a epidemia. Nesse momento de profunda efervescência, os cristãos propõem respostas políticas e sociais concorrentes com as respostas imperiais ao gerenciamento da epidemia, sendo, por isso, alvo de perseguição.

Da Praga de Cipriano de Cartago à pandemia no Império Romano (c. 249-270 d.C.)

Kyle Harper (2015, p. 224), um dos grandes especialistas na *Praga de Cipriano*, argumenta que ela foi “uma pandemia de dimensões territoriais amplas”, tendo alcançado várias regiões do império, além de ramificações no âmbito social, econômico, político e cultural”, e se apresentado como causa significativa para a crise severa que se instalou no contexto do século III. Uma praga que, segundo ele, deve ser concebida entre os maiores eventos epidêmicos da Antiguidade. Há muito debate sobre o impacto, as dimensões da praga e as limitações acerca das evidências disponíveis nas documentações. Não obstante, atualmente, estamos, por um lado, providos da contribuição de Kyle Harper (2017; 2016; 2015), e, por outro, muito mais instrumentalizados teórica e metodologicamente para um exame crítico mais adequado das fontes que não receberam o tratamento devido ou foram desconsideradas devido à *Praga de Cipriano* ter sido uma “pandemia esquecida”. Nos últimos anos, um dos debates mais significativos sobre o tema das epidemias na história tem se referido ao questionamento a respeito dos já existentes “paradigmas das pragas”.²⁰

Conforme define Kohn (2008, p. xiii), “por meio dos registros históricos, muitas vilas, cidades, países e regiões foram assoladas por uma particular epidemia”, isto é, “uma alta prevalência de uma doença que enferma muitas pessoas da comunidade simultaneamente”. Segundo o autor, “uma epidemia pode se espalhar por uma ampla área geográfica, ocorrendo em lugares por todo o mundo ao mesmo tempo tornando-se conhecida, por-

tanto, como uma pandemia”. Nesses termos, a *Praga de Cipriano* passa de uma *epidemia* a uma *pandemia* que assola uma quantidade significativa dos territórios sob o domínio do Império Romano (Tabela 1; Mapa 1). Em 252,²¹ a praga alcançou Cartago e foi devastadora, se confiarmos no relato de Pôncio, o Diácono (*Vita Cipriani*, 9), biógrafo de Cipriano:

Surgiu uma praga terrível, e a destruição excessiva de uma doença odiosa invadiu, sucessivamente, uma a uma, todas as casas de uma população acanhada, ceifando, dia após dia, com um ataque abrupto, inúmeras pessoas, todas, nas próprias casas delas. Todos estavam aterrorizados, fugindo, evitando o contágio, expondo impiedosamente seus próprios amigos, como se, com a exclusão da pessoa que com certeza morreria de peste, alguém pudesse excluir também a própria morte. Enquanto isso, por toda a cidade, não havia mais corpos, mas as carcaças de muitos e, contemplando muito o que por sua vez seria deles, exigiam a pena dos transeuntes por si mesmos.

Dado que os relatos de Cipriano são os que fundamentam consideravelmente as interpretações acerca dessa epidemia, muito se debate sobre a dimensão e a gravidade da praga, seja em termos de amplitude territorial – sendo um surto epidêmico restrito à África –, seja em termos da amplitude e número das vítimas mortas pela pestilência. Em consonância com Harper (2015), não parece ser o caso de duvidarmos da significância e da gravidade do surto, uma vez que o alcance da epidemia foi amplo e suas vítimas, numerosas. A *Praga de Cipriano*, desse modo, pode ser considerada uma pandemia de proporções territoriais amplas, tanto em razão das evidências quanto das ocorrências territoriais e número de vítimas (**Tabela 1; Mapa 1**).

Cipriano de Cartago (*Ad Demetrianus; De mortalitate*) relata a praga com vivas cores, apresentando os sintomas, as vítimas e o cuidado com os doentes, além de responder às acusações de que os cristãos eram os culpados pela crise, pela fome, pela escassez, pela praga, por toda a situação de caos do período. Sobre os sintomas, a doença se mostra devastadora, conforme os relatos de diferentes autores antigos.²² Cipriano descreve os sintomas em detalhes:

Que agora as entranhas se afrouxaram em um fluxo de exaustão das forças do corpo, que uma febre é contraída na própria medula óssea e se transforma em úlceras na garganta, e os intestinos são sacudidos por vômitos contínuos, que os olhos injetados de sangue

queimam, e os pés de alguns ou ainda certas partes dos membros são cortadas pela infecção de putrefação doente, que, por uma fraqueza, se desenvolvem perdas e lesões do corpo, seja o andar enfraquecido, ou a audição deficiente, ou a visão cega, tudo isso contribui para a prova de fé. (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 14)

Embora Cipriano seja aquele que fornece com bastante dramaticidade as evidências sobre a doença, ele não é o único a descrever essa pestilência que acometeu os romanos à época. Com base numa visão de conjunto a partir de todas as evidências disponíveis sobre a *Praga de Cipriano*, Harper (2015, p. 241-243) sistematiza os oito sintomas: 1) “um ataque agudo” [abrupto] ao corpo (PONTIUS. *Vita Cypriani*, 9; GREGORII NYSSENI. *Vita Gregorii Thaumaturgi*); 2) “diarreia severa e debilitante” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 14); 3) “febre aguda” (CIPRIANO DE CARTAGO, *De mortalitate*, 8, 14); 4) “náusea [vômito] frequente” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 14); 5) “sangramento conjuntival” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 8, 14); 6) “putrescência dos membros” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 14); 7) “debilitação severa” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 8, 14; GREGORII NYSSENI. *Vita Gregorii Thaumaturgi*); 8) “perda auditiva e cegueira” (CIPRIANO DE CARTAGO. *De mortalitate*, 14). Cipriano (*De mortalitate*, 8) ainda relata que, “agora, preocupa alguns que a enfermidade desta doença carregue fora de nosso povo igualmente os pagãos”. Em *A Demetriano* (12), continua o bispo de Cartago:

Embora haja a perda da propriedade privada, embora deva ser constante e violenta a aflição dos familiares devido às doenças devastadoras, embora deva ser pesaroso e triste a esposa ser arrancada [do seu convívio pela morte], de filhos queridos partindo, não deixe que tais coisas sejam pedras de tropeço para você, mas batalhas; nem os deixe enfraquecer ou abater a fé do cristão, mas sim deixá-los revelar sua bravura na competição, uma vez que todas as lesões decorrentes dos males presentes estes devem ser minimizados por meio da confiança nas bênçãos vindouras.

Ainda foram vítimas mortais dessa pestilência os imperadores Hostiliano (251) e Cláudio Gótico (268-270) (AURELIUS VICTOR. *De Caesaribus*, 30; Zosimus, *Historia Nova*, I, 46.2). Assim, a doença atingiu a todos,

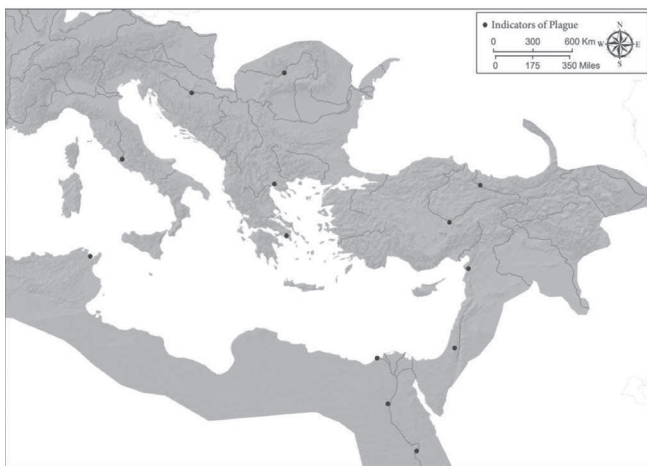
sem distinção de etnia, gênero e idade. Conjectura-se, ademais, que muitos dos godos, contra os quais os romanos estavam em guerra, morreram das complicações advindas da peste (CILLIERS, 2019, p. 79-80).

Tabela 1 – Os dados de uma *Pandemia do Século III*

Cidade/Região atingida	Ocorrências	Estimativas de mortes
Alexandria	Morte de bispos, diáconos	
Roma	Morte de Hostiliano, filho do imperador Treboniano Galo	
Cartago		
Alexandria		Redução da população pela metade em 4 anos de praga*
Roma (recorrência)		5.000 mortes em um dia*
Achaia		5.000 mortes em um dia*
Sirmio	Morte do imperador Cláudio II	

Fonte: Tabela produzida pelos próprios autores com base nas fontes documentais e debates historiográficos. As estatísticas estimadas são exageradas, mas fornecem, de alguma maneira, uma amostragem da dimensão e do impacto da praga. Para uma percepção das estimativas apresentadas pelas documentações e reverberadas pela historiografia, vide Benson (1897), Harper (2017; 2015) e, para um tratamento mais específico, Parkin (1992).

Mapa 1 – Indicações dos lugares de ocorrência da *Praga de Cipriano*



Fonte: HARPER, 2017, p. 139.

Fig. 1 – Achados arqueológicos de uma sepultura coletiva com restos mortais de vítimas da *Praga de Cipriano*



Fonte: @Wikimedia Commons. Photo by N. Cijan © Associazione Culturale per lo Studio dell’Egitto e del Sudan ONLUS. Disponível em: <http://commons.wikimedia/wiki/File:키프로스_역병_유적.png>. Acesso em: 05 jul. 2020.

A preocupação majoritária, como observado, entre aqueles que se dedicam ao estudo e à pesquisa sobre a *Praga de Cipriano* é caracterizar a pandemia em termos da natureza da doença e da epidemiologia, tecendo considerações sobre sua relação com a crise do século III e o cuidado com os mortos pela comunidade cristã (KEARNS, 2018; PARKIN, 1992; REBILLARD, 2012a). Esses são estudos importantes que, sem dúvida, contribuem para uma compreensão mais aprimorada do lugar dessa praga na história do Império Romano. A despeito dessas contribuições, discutem-se pouco os aspectos da perspectiva política cristã, a qual Cipriano, sutilmente, defende, e Dionísio de Alexandria (EUSEBIUS PAMPHILI. *Hist. Eccl.* VII, 22) também promove. Harper (2015, p. 228) afirma que, na epístola de Dionísio, “há um destaque das reações diferentes dos pagãos e dos cristãos em relação à crise epidêmica”. À luz do impacto da pandemia no império e tendo em vista a relação desta com a crise do século III, Harper (2015, p. 256-259) interpreta esse significativo pedaço de evidência, destacando

a influência cultural cristã no que se refere ao cuidado com os doentes e os pobres. A contribuição desse autor é, sem dúvida, valiosa, e a partir dela somos capazes de avançar na compreensão acerca da *Praga de Cipriano*, em especial dedicando-nos aos aspectos e interesses políticos implicados na visão cristã da epidemia. Nesse sentido, ponderamos que a problematização das reações pagã e cristã à crise epidêmica deve ser concebida em um campo de competições, de *lutas de representação*.²³ Eric Rebillard (2012a, p. 93) argumenta que:

Entre 251 e 266, a peste atingiu novamente o Império Romano, uma epidemia que foi tão devastadora quanto a que ocorreu entre 165 e 180. Embora essas epidemias geralmente resultassem no fortalecimento de um estreito interesse próprio, que foi descrito muitas vezes, os cristãos parecem ter mantido sua solidariedade e se importado uns com os outros. Sem especular sobre as consequências concretas desse apoio mútuo, é claro que os bispos elogiaram essa solidariedade a fim de reforçar o sentido de identidade cristã.

No entanto, para além de apenas reforçar os laços da identidade cristã, conforme declara Rebillard (2012a), a elite episcopal, em nossa opinião, era consciente “das consequências concretas do apoio mútuo” e tinha especial interesse político em perpetuar tal percepção. Os bispos buscaram promover e rivalizar a sua perspectiva do gerenciamento da epidemia com um modelo tradicional considerado “romano”, “pagão” e “imperial”, como argumentaremos a seguir, a partir da compreensão das respostas aos surtos epidêmicos no Império Romano.

A resposta imperial aos surtos epidêmicos

As evidências documentais da *Praga Antonina* são as que mais nos fornecem elementos para alcançar um modelo de respostas políticas e imperiais aos surtos epidêmicos no Império Romano. Um dos grandes destaques e problemas enfrentados por um imperador em razão de um surto epidêmico era a perda de mão de obra, o despovoamento. Como afirma Christer Bruun (2007, p. 203-204), “daí surgem os problemas de recrutamento de soldados, o problema de assentamentos de bárbaros dentro do império e uma crise social e econômica mais ampla”. É possível observar que, em razão de grandes perdas de efetivos do exército, foram tomadas

medidas extraordinárias de recrutamento, com assentamento e incorporação de germânicos a partir da criação de duas províncias além do Danúbio (GILLIAM, 1961, p. 246). Em relação às medidas religiosas, houve maior recorrência a oráculos, como, prossegue Gilliam (p. 235), evidenciam as epigrafias gregas. Essas velhas estratégias de combate à epidemia se tornaram, no entanto, obsoletas no caso da *Praga de Cipriano*. Primeiro, porque era alta a mortalidade e era preciso recorrer a novas estratégias que permitissem largas escalas da população serem acolhidas em políticas públicas de saúde. Além disso, como destaca Harper (2015, p. 19), não existe nenhuma personagem destacada no combate à *Praga de Cipriano*, como foi Galeno para a *Praga Antonina*.²⁴

A numismática tem sido importante documento para evidenciar a irrupção dessa pandemia, em especial as moedas imperiais de Treboniano Galo, Volusiano, Emiliano, Valeriano e Galieno, que trazem, em seu reverso, a figura de *Apollo Salutaris* (HARPER, 2015, p. 225; **Fig. 2**). Esse tipo de moeda, com a representação de Apolo, ressurgiu à época do governo de Treboniano com o sentido de realçar a associação dessa divindade com suas características de bem-estar (saúde) e cura (ROWAN, 2012, p. 117). Mattingly e Sydenham (1949, p. 154), de fato, relacionam a inscrição da moeda APOLL SALVTARI diretamente com a epidemia, que, segundo esses autores, irrompeu-se no outono de 251 d.C. Conforme Aurélio Victor (*De Caesaribus*, 30), o próprio filho de Treboniano Galo, Hostiliano, morreu da pestilência, em novembro de 251. Outro imperador atingido pela praga e morto foi Cláudio Gótico, também conhecido como Cláudio II (ZOSIMUS. *Historia Nova*, I, 46.2). Quando Cláudio II estava estacionado em Sirmio, com seu exército, a praga se espalhou entre suas tropas, infectando-o e matando-o, provavelmente, em fins de agosto de 270 d.C. (DRINKWATER, 2005, p. 50).

Fig. 2 – Treboniano Galo



Anverso: Legenda com a inscrição IMP CAE C VIB TREB GALLVS AVG. Busto de Treboniano Galo, com coroa em raios, com drapeados acomodados abaixo do pescoço e perfil à direita. **Reverso:** Legenda com a inscrição APOLLVS SALVTARI. O deus Apolo desnudo, de corpo inteiro, em pé à esquerda, segurando, na mão esquerda, uma lira que repousa acima de uma pedra (?) e, ²⁵ na mão direita, segurando um ramo de oliva.

Fonte: Harper (2015, p. 225); RIC IV. 3. *Issue* 2, p. 154.

Apesar de Benson (1897, p. 243) declarar que as medidas de alívio à crise epidêmica haviam se restringido aos éditos universais, obrigando os súditos do império a fazerem sacrifícios aos deuses tradicionais, ²⁶ os imperadores, sob a ocorrência da *Praga de Cipriano*, não gerenciaram a epidemia apenas reforçando os laços religiosos com as divindades tradicionais. Cartago foi atingida pela praga durante os reinos de Treboniano Galo e Volusiano (251 a 253 d.C.). Tanto Galo quanto Volusiano, como registrado na *Historia Augusta*, produziram políticas de cuidados em relação aos enterramentos dos pobres sob a pandemia (HARPER, 2015, p. 258).

O primeiro dos denominados *Editos de Perseguição* foi decretado por Décio na segunda metade do ano 249 d.C., e não teve uma intenção primordial anticristã movida por hostilidade contra os cristãos, embora o imperador estivesse consciente dos impactos do edito para o conjunto da comunidade cristã (FUHRMANN, 2016, p. 242). Ele apresenta postura bastante conservadora e de profundo respeito às instituições e práticas religiosas tradicionais romanas. Assim, parece uma explicação plausível que, em tempos de crise, a decisão desse imperador fosse a de confirmar uma posição que repousasse nas práticas religiosas fundacionais, e não parte de uma “animosidade pessoal” ou uma “especulação psicológica”, ou, ainda, resultado de uma “vantagem econômica, uma conveniência política ou em

favor de uma fama pessoal” (POHLSANDER, 1986, p. 1831-1842). Para além desses argumentos de fundo religioso e polarizado, interpretados sob a matriz do conflito paganismo *versus* cristianismo, poderíamos sobrepor uma explicação sociopolítica. Parece-nos muito mais um apego aos métodos tradicionais de governo e de gerenciamento de crises que não eram mais adequados aos novos problemas. Com “um esquema sistemático para o cuidado da sua comunidade e seus habitantes” (BENSON, 1897, p. 245), Cipriano (*De mortalitate*, 16) declara:

Que significado, amados irmãos, tudo isso tem! Quão adequado, quão necessário é que esta praga e pestilência, que parece horrível e mortal, procura a justiça de cada um e todos e examina as mentes do ser humano; se os que estão bem cuidam dos enfermos, se parentes zelosamente amam seus parentes como deveriam, sejam mestres em mostrar compaixão por seus escravos enfermos, se os médicos não abandonam o aflito que implora sua ajuda, fosse o violento reprimir sua violência, seja o ganancioso, mesmo através do medo da morte, apagasse o fogo sempre insaciável de sua fúria avareza, fosse o orgulhoso que dobrasse o próprio pescoço, se os desavergonhados amenizassem seus desdêns, fossem os ricos, mesmo quando seus entes queridos que estão perecendo e estão prestes a morrer sem herdeiros, doar e dar algo! Embora esta mortalidade não tenha contribuído com mais nada, ela atingiu especialmente isso nos cristãos e servos de Deus, que começamos de bom grado buscar o martírio enquanto aprendemos a não temer a morte. Esses são exercícios penosos para nós, não mortes; eles deem à mente a glória da fortaleza; pelo desprezo da morte eles se preparam para a coroa.

Na segunda carta de Dionísio de Alexandria (EUSEBIUS PANPHILII. *Hist. Eccl.* VII, 22), vemos os mesmos apelos e o incentivo para que a comunidade cristã cuidasse do desafortunado, do doente, reforçando o modelo oposto do habitual, do tradicional comportamento “pagão” e “romano”. O que Cipriano destaca, já presente em Dionísio de Alexandria e reverberado em Eusébio de Cesareia, é um modelo político alternativo de gerenciamento da epidemia, contrapondo-se ao adotado pelo governo imperial e, habitualmente, operado pela população, isto é, o abandono dos doentes e mortos à própria sorte.

Considerações finais

Uma das possíveis crenças do senso comum é que a preocupação com o meio ambiente possa ser uma demanda, exclusivamente, das sociedades contemporâneas. Pelo contrário, governantes, reis e imperadores, junto com as populações de sociedades antigas e medievais, produziram importantes decisões (políticas, sociais e culturais) com base nos recursos naturais disponíveis e nos desafios impostos pelo meio ambiente que os cercavam, considerando a potência das calamidades, das pestilências e dos desastres naturais (DEVROEY, 2019). A *Praga de Cipriano* teve bastante impacto no Império Romano,²⁷ e, como tal, produziu diversas respostas que buscaram gerenciar uma pandemia de proporções significativas. Cipriano propôs, em contexto de acusação contra a comunidade cristã norte-africana, que os cristãos enfrentassem a pandemia cuidando de seus irmãos. O império, nas pessoas dos imperadores, recorreu, *grosso modo*, ao retorno das práticas religiosas tradicionais. Em um campo de concorrências, a perspectiva de Cipriano acerca da pandemia produziu alternativas e novas formas políticas e culturais de enfrentamentos das crises epidêmicas. A defesa de Cipriano era não somente da comunidade cristã, mas de uma postura política que transcenderia seu tempo.

Documentação escrita

ARNOBIUS OF SICCA. *Adversus nationes*. Trad. George E. McCracken. New York: New Press, 1949.

AURELIUS VICTOR. *De Caesaribus*. Trad. H. W. Bird. Liverpool: Liverpool University Press, 1994.

CYPRIAN OF CARTHAGE. To Demetrian. In: DEFERRARI, R. J. *St. Cyprian, Treatises*. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 161-191.

_____. On Mortality. In: DEFERRARI, R. J. *St. Cyprian, Treatises*. Washington: The Catholic University of America Press, 2007, p. 193-221.

_____. Letter LIX. In: DONNA, R. B. *St. Cyprian, Letters* (1-81). Washington: The Catholic University of America Press, 1964, p. 171-193.

CIPRIANO. A Demetrio. In: GALLICET, E.; VERONESE, M. *Cipriano: A Demetriano*. Torino: Loescher Editore, 2018.

DIONYSIUS OF ALEXANDRIA. Letter [Eusebius, HE, VII, 22]. In: OUL-

TON, J. E. L. *Eusebius of Caesarea, The Ecclesiastical History*. Massachusetts: Harvard University Press, 1942, p. 183-189.

JEROME. LXVII. Cyprian The Bishop. In: HALTON, T. P. *St. Jerome, On illustrious men*. Washington: The Catholic University of America Press, 1999, p. 95-97.

LACTANTIUS. *The divine institutes*. Trad. Sister Mary Francis McDonald. Washington: The Catholic University American Press, 2008.

PONTIUS OF CARTHAGE. The life and passion of Cyprian, Bishop and Martyr. In: COXE, A. C. *Fathers of the Third Century: Hippolytus, Cyprian, Caius, Novatian, Appendix*. Massachusetts: Hendrickson, 1886, p. 267-274.

PSEUDO-CYPRIANUS CARTHAGINENSIS. De laude martirii. In: MATTEI, P.; CICCOLINI, L. (eds.). *De habitu virginum; Pseudo-Cyprianea I*. Turnhout: Brepols, 2016.

TERTULLIAN. To Scapula, Apology and To the nations. In: DONALDSON, J. *Ante-Nicene Christian Library: The Writings of Tertullian*. Edinburgh: T&T Clark, 1869. v. 1.

THE THIRTEENTH SIBYLLINE ORACLE. In: POTTER, D. S. *Prophecy and History in the crisis of the Roman Empire: a historical commentary on the Thirteenth Sibylline Oracle*. Oxford: Clarendon Press, 1990.

Documentação numismática

RIC IV. 3. Trebonianus Gallus. In: MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A. *Roman Imperial coinage*. London: Spink & Son Ltda, 1949. v. IV.

Dicionários, enciclopédias e verbetes

BANCHICH, T. Marcus Aemilius Aemilianus (ca. July – ca. September 253). *De Imperatoribus Romanis: an online encyclopedia of Roman emperors*. 21 jul. 2002. Disponível em: <http://www.roman-emperors.org/aemaem.htm>. Acesso em: 06 jul. 2020.

HARTMANN, U. The Thrid-Century “Crisis”. In: WHITBY, M.; SIDEBOTTOM, H. *The encyclopedia of Ancient battles*. Oxford: Willey Blackwell, p. 1-20.

KOHN, G. C. *Encyclopedia of plague and pestilence*. New York: Facts On File, 2008.

MOORE, R. S. Trebonianus Gallus (251-253 A.D.) and Gaius Vibius Volusianus (251-253 A.D.). *De Imperatoribus Romanis*: an online encyclopedia of Roman emperors. 01 jul. 2002. Disponível em: <http://www.roman-emperors.org/trebgall.htm>. Acesso em: 06 jul. 2020.

Referências bibliográficas

ALFÖLDY, G. The crisis of The Third Century as seen by contemporaries. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, v. 15, n. 1, p. 89-111, 2003.

ALFÖLDY, A. The crisis of the Empire (A.D. 249-270). In: COOK, S. A.; ADCOCK, F. E.; CHARLES, M. P.; BAYNES, N. H. *The Cambridge Ancient History: The imperial crisis and recovery A.D. 193-324*. London: Cambridge University Press, 1939, p. 165-231. v. XII.

ANDO, C. *Imperial Rome AD 193 to 284: the critical century*. Edinburg: Edinburg University Press, 2012.

ANDO, C. Decline, fall, and transformation. *Journal of Late Antiquity*, Baltimore, v. 1, n. 1, p. 31-60, 2008.

BASCHET, J. *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BENSON, E. W. *Cyprian: his life, his time, his work*. New York: The Macmillan Company, 1897.

BÉVENOT, M. Cyprian and his recognition of Cornelius. *The Journal of Theological Studies* (New Series), Oxford, v. 28, n. 2, p. 346-359, 1977.

BRENT, A. *Cyprian and Roman Carthage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRUUN, C. The Antonine Plague and The Third Century crisis. In: HEKSTER, O.; KLEIJN, G.; SLOOTJES, D. *Crisis and the Roman Empire: proceedings of the Seventh Workshop of the International Network Impact of Empire*. Leiden: Brill, 2007, p. 201-217.

BURNS, J. P. *Cyprian, the Bishop*. London: Routledge, 2002.

BUSTAMANTE, R. M. C. A construção romana das representações sociais da África através das moedas. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 18, p. 69-77, 2014.

_____. África do Norte na perspectiva dos antigos romanos. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 120-143, 2013.

CAMERON, A. The 'long' late antiquity: a late twentieth century model. In:

- WISEMAN, T. P. *Classics in progress: essays on ancient Greece and Rome*. New York: Oxford University Press, 2002, p. 165-191.
- CERQUEIRA, F. V. A temática musical na iconografia dos lekythoi de fundo branco. Simbolismos funerários da lyra, do barbitos e da phorminx. In: CERQUEIRA, F. V.; GONÇALVES, A. T.; MEDEIROS, E.; BRANDÃO, J. L. (orgs.). *Saberes e poderes no Mundo Antigo: Dos saberes*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 143-171. v. 1.
- CILLIERS, L. *Roman North Africa: Environment, society and medical contribution*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2019.
- DE BLOIS, L. *Image and reality of Roman Imperial power in The Third Century AD: the impact of war*. London: Routledge, 2019.
- DE VORE, D. J. 'The only event mightier than everyone's hope': classical historiography and Eusebius' plague narrative. *Histos*, Gainesville/Newcastle/Oxford, v. 14, p. 1-34, 2020.
- DEVROEY, J. P. *La nature et le roi: environment, pouvoir et société à l'âge de Charlemagne (740-820)*. Paris: Albin Michel, 2019.
- DRINKWATER, J. Maximinus to Diocletian and the 'crisis'. In: BOWMAN, A.; CAMERON, A.; GARNSEY, P. *The Cambridge Ancient History: the crisis of empire, AD 193-337*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 28-66. v. 12.
- DU TOIT, S. Cyprian's response to an epidemic. *Stimulus: News Zealand Journal of Christian Thought and Practice*, Auckland, v. 27, n. 3, p. 1-4, 2020.
- DUNCAN-JONES, R. P. The impact of the Antonine Plague. *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 9, p. 108-136, 1996.
- ELLIOTT, C. P. The Antonine Plague, climate change and local violence in Roman Egypt. *Past & Present*, Oxford, v. 231, n. 1, p. 3-31, 2016.
- FAVEZ, C. *La Consolation latine chretienne*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1937.
- FUHRMANN, C. J. How to kill a bishop: organs of Christian persecution in The Third Century. In: HAENSCH, R. *Recht Haben und Recht bekommen im Imperium Romanum: Das gerichtswesen der Römischen Kaiserzeit und seine dokumentarische Evidenz*. Warschau: The Journal of Juristic Papyrology Supplement XXIV, 2016, p. 241-261.
- GALLICET, E.; VERONESE, M. *Cipriano: A Demetriano*. Torino: Loescher Editore, 2018.
- GASSMAN, M. Cyprian's early career in the church of Carthage. *Journal of Ecclesiastical History*, Cambridge, v. 70, n. 1, p. 1-17, 2019.

- GILLIAM, J. F. The plague under Marcus Aurelius. *The American Journal of Philology*, Baltimore, v. 82, n. 3, p. 225-251, 1961.
- GONÇALVES, A. T. M. Os Severos e a anarquia militar. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. *Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural*. Vitória: Edufes/Mauad, 2006, p. 175-192.
- HAAS, C. J. Imperial religious policy and Valerian's persecution of the church, AD. 257-260. *Church History*, Cambridge, v. 52, n. 2, p. 133-144, 1983.
- HARPER, K. Pandemics and passages to Late Antiquity: rethinking the plague of c. 249-270 described by Cyprian. *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 28, p. 223-260, 2015.
- HARPER, K. Another Eye-witness to the Plague described by Cyprian and notes on the "Persecution of Decius". *Journal of Roman Archaeology*, Cambridge, v. 29, p. 473-476, 2016.
- HARPER, K. *The fate of Rome: climate, disease, and the end of an empire*. Princeton: Princeton University Press, 2017.
- JAMES, E. The rise and function of the concept 'Late Antiquity'. *Journal of Late Antiquity*, Baltimore, v. 1, n. 1, p. 20-30, 2008.
- JARUS, O. Remains of 'End of the World' Epidemic found in Ancient Egypt. *LiveScience*, New York, 16 jun. 2014. Disponível em: <https://www.livescience.com/46335-remains-of-ancient-egypt-epidemic-found.html>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- JOHNE, K-P.; HARTMANN, U. Krise und Transformation des Reiches im 3. Jahrhundert. In: KLAUS-PETER, J. *Die Zeit der Soldatenkaiser: Krise und Transformation des Römischen Reiches im 3. Jahrhundert n. Chr. (235-284)*. Berlin: De Gruyter, 2008, p. 1025-1054.
- JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J. R.; MORRIS, J. *The prosopography of Later Roman I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- KAMIKURA, N. *North African way of approaching to medical healing and the 'Plague of Cyprian'*. Conferência ministrada na Asia-Pacific Early Christian Studies Society (Apeccs) - 12th Annual Conference 'Health, Well-Being, and Old Age in Early Christianity' [Mimeo]. Okayama (Japão): set. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38149311/North_African_Way_of_Approaching_to_Medical_Healing_and_the_Plague_of_Cyprian. Acesso em: 14 jul. 2020.
- KEARNS, A. L. *A plague in a crisis: differential diagnosis of the Cyprian Plague and its effects on the Roman empire in The Third Century CE*. Dissertação

(Mestrado em Arte), Programa de Pós-graduação em Religião e Clássicos, Universidade de Arizona, Tucson, 2018.

KERESZTES, P. Two edicts of the emperor Valerian. *Vigiliae Christianae*, Leiden, v. 29, p. 81-95, 1975.

_____. The Decian libelli and contemporary literature. *Latomus*, Bruxelas, t. 34, fasc. 3, p. 761-781, 1975.

KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1998.

_____. *The Copernican Revolution*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.

LEBEDEV, P. N. (Лебедев П.Н). Правление Максимиана Фракийца в освещении греко-римской историографии III-V вв. *ВЕСТНИК РГГУ. Серия «Литературоведение. Языкознание. Культурология»*, Moscou, v. 9, p. 25-34, 2015. Disponível em: <https://history.rsuh.ru/jour/article/view/100/101>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. *East and West in Late Antiquity: invasion, settlement, ethnogenesis, and conflicts of religion*. Leiden: Brill, 2015.

LIMA NETO, B. M. História e arqueologia no norte da África: a emergência dos Garamantes no Fazzan (séc. III a.C.- VI d.C.). *Dimensões*, Vitória, v. 43, p. 84-108, 2019a.

_____. Civitates e hinterland no norte da África romano: o testemunho de Apuleio nas Metamorphoses. In: SILVA, G. V.; LIMA NETO, B. M. (org.). *Identidade e fronteiras religiosas no Alto Império Romano*. Vitória: NPIH, 2011, p. 21-38.

_____. Damnatio ad bestias nos anfiteatros norte-africanos: o mosaico da Villa de Zliten como representação da dicotomia cidade/hinterland na Tripolitânia romana. In: BATISTA, N. H. T.; LEITE, L. R.; SILVA, C. F. P. (orgs.). *Ludus: poesia, esporte, educação*. Vitória: PPGL, 2018, p. 37-52.

_____. Diversidade cultural e romanização no norte da África romano. In: CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; MOTTA, K. S. (orgs.). *O espelho negro de uma nação: a África e sua importância na formação do Brasil*. Vitória: Edufes, 2019b, p. 73-92.

LITTLE, L. K. *Plague and the end of Antiquity: the pandemic of 541-750*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LITTMAN, R. J.; LITTMAN, M. L. Galen and the Antonine Plague. *The American Journal of Philology*, Baltimore, v. 94, n. 3, p. 243-255, 1973.

MACHADO, C. A. R. *Urban space and aristocratic power in Late Antique Rome: AD 270-535*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

MACHADO, C. A. R. *Imperadores imaginários: política e biografia na História Augusta*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MacMULLEN, R. *Roman government's response to crisis, A.D. 235-337*. New Haven: Yale University Press, 1976.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C. Nômades e sedentários, pastores e agricultores na África do Norte Antiga: da historiografia colonial às perspectivas contemporâneas. *Revista de Estudos Filosóficos e Históricos da Antiguidade*, Campinas, v. 28, p. 27-43, 2014.

_____. A perseguição de Diocleciano na África e os autos da repressão à Igreja de Cirta: os Acta Munatii Felicis. *Dimensões*, Vitória, v. 25, p. 18-31, 2010a.

_____. Dos arquivos da perseguição às histórias dos mártires: hagiografia, memória e propaganda na África romana. *História*, São Paulo, v. 29, p. 56-70, 2010b.

_____. O conceito de Antiguidade Tardia e as transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. *Boletim do CPA*, Campinas, v. 24, p. 125-137, 2008.

MANDERS, E. *Coining images of power: patterns in the representation of Roman Emperors on imperial coinage, A.D. 193-284*. Leiden: Brill, 2012.

MARCONI, A. A Long Late Antiquity? Consideration on a controversial periodization. *Journal of Late Antiquity*, Baltimore, v. 1, n. 1, p. 4-19, 2008.

MATTINGLY, H. The reigns of Trebonianus Gallus and Volusian and of Aemilian. *The Numismatic Chronicle and Journal of the Royal Numismatic Society*, Londres, Sixth Series, v. 6, n. 1/2, p. 36-46, 1946.

_____.; SYDENHAM, E. A. *Roman Imperial coinage*. Londres: Spink & Son Ltda, 1949. v. IV.

MORDECHAI, L.; EISENBERG, M. Rejecting catastrophe: the case of the justinian plague. *Past & Present*, Oxford, v. 244, n. 1, p. 3-50, 2019.

MORRIS, I. Plagues and socioeconomic collapse. In: HEENEY, J. L.; FRIEDMANN, S. *Plagues*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 136-167.

OTERO, U. B. Acta Proconsularia Cypriani: interditos, processos e 'crime religioso' 257-258 E.C. *Romanitas*, v. 10, p. 137-153, 2017a.

_____. *Os mártires latinos de Cartago: as fronteiras entre o lícito e o ilícito* (202-258 E.C.). Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017b.

_____. Regulação religiosa na Cartago romana: editos imperiais e martírio cristão (séc. III d.C.). *XI Jornada de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-20, 2017c.

PARKIN, T. G. *Demography and Roman society*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

PERLSTADT, H. The plague of Athens and the cult of Asclepius: a case study of collective behavior and a social movement. *Sociology and Anthropology*, San Jose, v. 4, n. 2, p. 1048-1053, 2016.

POHLSANDER, H. A. The religious policy of Decius. *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt II*, Berlin, v. 16, n. 3, p. 1826-1842, 1986.

PRICE, S. Latin Christian Apologetics: Minucius Felix, Tertullian, and Cyprian. In: EDWARDS, M. J.; GOODMAN, M.; PRICE, S.; ROWLAND, C. *Apologetics in the Roman Empire: Pagans, Jews, and Christians*. Oxford: Clarendon Press, 1999, p. 105-130.

REBILLARD, E. *The care of the dead in Late Antiquity*. Íthaca: Cornell University Press, 2012a.

_____. *Christians and their many identities in Late Antiquity, North Africa, 200-450 CE*. Íthaca: Cornell University Press, 2012b.

ROWAN, C. *Under divine auspices: divine ideology and the visualization of imperial power in the Severan Period*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SAGE, M. M. *Cyprian*. Cambridge: Philadelphia Patristic Foundation, 1975.

SCOURFIELD, J. H. D. The De Mortalitate of Cyprian: consolation and context. *Vigiliae Christianae*, Leiden, v. 50, n. 1, p. 12-41, 1996.

SOUTHERN, P. *The Roman Empire from Severus to Constantine*. London: Routledge, 2015.

STATHAKOPOULOS, D. *Famine and pestilence in the Late Roman and Byzantine Empire: a systematic survey of subsistence crises and epidemics*. London: Routledge, 2016.

TESTA, R. L. *Late Antiquity in contemporary debate*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2017.

WATSON, A. *Aurelian and The Third Century*. London: Routledge, 2004.

¹ Sobre a *Praga de Atenas*, vide Harry Perlstadt (2016, p. 1048-1053).

² As epidemias conhecidas por *Praga Antonina* e por *Praga Justiniana* são alvo de bastante escrutínio e reflexões, apresentando uma historiografia abundante (MORDECHAI; EISENBERG, 2019; LITTMAN; LITTMAN, 1973; LITTLE, 2006; GILLIAM, 1961; ELLIOTT, 2016; DUNCAN-JONES, 1996; BRUUN, 2007).

³ As reflexões e contribuições de Kyle Harper (2017; 2016; 2015) têm sido exceções sobre o estudo dessa epidemia.

⁴ No que se refere ao contexto histórico, optamos aqui pela categoria *Crise do Século III*, em detrimento de outros conceitos disponíveis – *Anarquia Militar*, *Período dos Imperadores Soldados* – para definir quando ocorre a pandemia (GONÇALVES, 2006, p. 175; HARTMANN, 2017, p. 1). O conceito de *Crise do Século III* é empregado, geralmente, para designar um estado de colapso social, econômico, militar e político. A despeito de o conceito de *Crise do Século III* apresentar tais problemas, nossa escolha se deve à perspectiva que adotamos, que segue, para além das questões de sucessões imperiais, as problemáticas concernentes à História do Meio Ambiente e aos desafios abertos à interação entre a humanidade, a natureza e os ecossistemas que os cercam. “Crise”, neste artigo, recebe uma denotação inovadora e criativa, momento chave de respostas aos problemas impostos pelo sistema sociopolítico adaptativo e interativo (vide nota 15, mais adiante).

⁵ A numismática é fonte importante para a compreensão do contexto da *Crise do Século III*, em especial, as moedas cunhadas na época do governo dos imperadores Treboniano Galo (251-253), Volusiano (251-253) e Emiliano (253) (MATTINGLY, 1946; MATTINGLY; SYDENHAM, 1949; BANCHICH, 2002; MOORE, 2002). Em 2014, Owen Jarus reporta, no *Livescience*, a descoberta de uma sepultura coletiva, no Egito, com restos mortais de vítimas da *Praga de Cipriano* (vide **Fig. 1**). Além disso, temos ainda os testemunhos de Pseudo-Cipriano, *De laudi martirii*; de Pôncio, o Diácono, *Vita Cipriani*; de Dionísio de Alexandria, *Epistula*, a cujos textos temos acesso mediante a obra *Historia Ecclesiastica*, de Eusébio de Cesareia. Ainda, contemporaneamente aos eventos, temos a documentação intitulada *Os treze oráculos sibílicos* (POTTER, 1990). Ademais, há relatos tardios como o de Gregório de Nissa (*Vita Gregorii Thaumaturgi*, XVI, 101-102); Zózimo (*Historia Nova*) e Paulo Orósio (*Historia adversus paganos*), sendo que estes dois últimos historiadores ecoam, respectivamente, os relatos contemporâneos aos eventos, de Déxipo de Atenas (*Chronica Historia*) e de Filostrato, cujos testemunhos só chegaram a nós mediante aquelas fontes tardias (HARPER, 2015, p. 235-236; KAMIKURA, 2018, p. 1-5).

⁶ A pandemia é denominada a partir do nome de Cipriano de Cartago, uma vez que o autor cristão é testemunha-chave e nos legou uma extensa documentação acerca do episódio (*Ad Demetrianus; De mortalitate*).

⁷ As datas da conversão de Cipriano, presentes em narrativas biográficas tradicionais, foram questionadas por Mattias Gassman (2019, p. 1-17), que propõe uma datação mais tardia e próxima da ordenação/confirmação ao episcopado. Sobre a necessidade de confirmação (legitimação) do episcopado de Cipriano, vide, conforme apresenta Maurice Bévenot (1977, p. 346-359), o debate sobre o contexto e os eventos que levaram ao reconhecimento de Cornélio como bispo de Roma e a própria fixação da data do episcopado de Cipriano encontrada na Epístola LIX, 6 (de Cipriano à Cornélio) (vide GASSMAN, 2019, p. 2, nota 4). As eleições episcopais dependiam, em grande medida, do apoio popular.

⁸ Há disponível imensa produção historiográfica sobre Cipriano de Cartago e suas obras. A melhor biografia produzida sobre o autor ainda segue sendo a de Michael Sage (1975), embora existam outras de excelente nível, como, por exemplo, as de Edward White Benson (1897), J. Patout Burns (2002) e Mattias Gassmann (2019). Sobre a África romana, vide: Bustamante (2014; 2013); Lima Neto (2019a; 2019b; 2018; 2014; 2011); Magalhães de Oliveira (2014; 2010a; 2010b; 2008); Otero (2017a; 2017b; 2017c).

⁹ O gênero literário classificado como *Consolação* tem vínculo com a tradição latina e pagã, cujos expoentes mais evidentes são Cícero, Sêneca e, na tradição grega, Plutarco (SCOURFIELD, 1996, p. 12-13).

¹⁰ Como uma consolação, essa obra se distingue das demais consolações latinas cristãs, porque 1) precede em um século as demais obras tratadas como consolações (a saber, de Jerônimo, de Ambrósio e Paulino de Nola) e 2) não se enquadra nem numa tradição epistolográfica, nem numa tradição oratória (SCOURFIELD, 1996, p. 13).

¹¹ Deferrari (2007, p. 199, n. 1) argumenta que o uso do termo mortalidade, por Cipriano, não pode ser concebido como sinônimo de morte, e sim como correspondente à praga; vide, em especial, o excerto de *Sobre a mortalidade* (8, 15-17): “E assim o é [nossa igualdade e unidade com a humanidade], até que este elemento corruptível [a carne] transforme-se em incorruptibilidade [a existência apenas do espírito] e este elemento mortal [o indivíduo] receba a imortalidade [a praga] e o espírito nos conduz a Deus Pai [...]”.

¹² As informações sobre quem era Demetriano são esparsas e pouco precisas. Simon Price (1999, p. 113) declara que “Demetriano era um proeminente local ao invés de governador”. Roy Deferrari (2007, p. 163), tradutor e editor deste tratado-epístola, revela a dificuldade de uma definição mais precisa, declarando que “Demetriano, a quem este tratado é dirigido, foi com toda a probabilidade um magistrado, possivelmente um retórico, em qualquer caso, um inimigo muito amargo dos cristãos”. Para Michael Sage (1973, p. 276), “um certo Demetriano” era oponente de Cipriano

de Cartago. Naoki Kamimura (2018, p. 4) destaca Demetrianos como “um pagão local”. Na *PRLE I (Dementrianvs 1, Demetrianvs 2, p. 247)*, há registrado apenas dois Demetrianos: um que ocupou um posto oficial e recebeu uma dedicatória e dois livros de cartas de Lactânncio; e outro Demetrianos que foi *praefectus annonae Africae* entre os anos 369 e 372.

¹³ Tertuliano (*Apologia*, 40; *Ad nationes*, I, 9; *Ad Scapulam*, 3) já havia denunciado essas acusações antes de Cipriano de Cartago, e depois deste, Arnóbio (*Adversus nationes*, I) e Lactânncio (*Institutiones divinae*, V.4.3) também tiveram que escrever obras para refutar essas mesmas acusações (DEFERRARI, 2007, p. 163).

¹⁴ Kyle Harper (2016, p. 475-476) faz, brevemente, essas proposições. O autor destaca que o argumento de que as calamidades da época foram causadas pela exaustão do mundo secular, fornecido pelos cristãos em resposta aos pagãos, que culpavam o novo culto pela ira dos deuses, presentes tanto em Cipriano quanto no *De laudi martyrii*, sugere uma relação próxima entre a praga e as perseguições deflagradas por Décio e seus sucessores. Contudo, como declara Harper (2016, p. 475 e 476), essa sugestão não estava presente em seus trabalhos e somente foi possível apreendê-la a partir do conhecimento desse novo documento, o *De laudi martyrii*. Nesse artigo, no qual propõe essa relação, Harper reconhece que essa sugestão será “brevemente afirmada” e estimula, ao mesmo tempo, que “o interesse pelo estudo desta praga descrita por Cipriano traga mais luz e vidências”, para que “nossa compreensão sobre um episódio crucial para o Império Romano continue a ser ampliada”. Embora Harper não desenvolva mais o seu argumento, buscamos, neste artigo, fundamentar as sugestões já propostas por esse autor, recorrendo a uma ampliação geral do tema, mediante a contextualização historiográfica e por intermédio de uma nova perspectiva e abordagem de caráter política e social.

¹⁵ Os especialistas que se dedicam ao estudo do contexto da tardo-antiguidade, preferivelmente, argumentam mais em termos de processos de continuidade, transformação, desafios. A ideia de crise é pouco reconhecida porque vem associada à ideia de declínio. Vide, por exemplo, Edward James (2008, p. 20-30); Rita Lizzi Testa (2017); J. H.W. Liebeschuetz (2015, p. 19-28); Arnaldo Marcone (2008, p. 4-19); Averil Cameron (2002, p. 165-191); Clifford Ando (2008, p. 31-60).

¹⁶ Não obstante, os senadores não perdem prestígio, autoridade e poder, como querem fazer crer algumas interpretações historiográficas. Pelo contrário, o senado tardo-antigo ainda permanece detentor de poder e *status*. Vide, por exemplo, os argumentos de Carlos Augusto Ribeiro Machado (1998; 2019) sobre a importância e o exercício do poder senatorial na Antiguidade Tardia.

¹⁷ Ramsay MacMullen (1976, p. 22) chama de *invasões bárbaras* a entrada de estrangeiros no império. O conceito de invasões bárbaras já é alvo de vários debates, produzindo conceitos alternativos para a visão preconcebida de entrada de povos

estrangeiros no império sempre de forma violenta e agressiva. Alternativamente, o conceito de *entradas germânicas*, para denotar o que os historiadores classicistas e medievalistas, continuamente, denominam de *invasões bárbaras*, produz uma outra perspectiva da incorporação dos povos germânicos ao exército e ao império, destacando que nem sempre as entradas de povos no império foi dada de forma violenta (BASCHET, 2006).

¹⁸ O início da crise, marcada com a ascensão de Maximino Trácio e morte de Severo Alexandre, em 235 d.C., já é tema de debate e questionamentos. Em análise sobre a historiografia antiga, anterior e posterior ao governo de Maximino Trácio, Lebedev (2015, p. 25-34) argumenta que os autores que descrevem o reinado de Maximino sob uma luz negativa dão a vários outros imperadores dos séculos I-III d.C. avaliações muito mais nitidamente negativas. Assim, segundo argumenta esse autor, parece justificada a posição dos pesquisadores que questionam o conceito de crise do século III, iniciada em 235, se fundamentada na historiografia antiga.

¹⁹ O conceito de *crise* é um constante alvo de reflexão para períodos em que há transformações significativas e/ou descontinuidades políticas – de regimes de governos –, com problemas de definições claras das regras de sucessão, por exemplo. A concepção de crise associada ao declínio e decadência é uma herança, nos parece, da tradição gibboniana de interpretação histórica.

²⁰ Ao analisar a *Praga Justiniana*, que tem sido concebida, tradicionalmente, como um cataclismo que contribuiu para o fim do mundo mediterrânico romano, Lee Mordechai e Merle Eisenberg (2019, p. 5) destacam que é preciso rever os “paradigmas das pragas”, de modo que nos seja possível compreender se uma determinada praga era algo central, fator de desestabilização, crise e fim de um determinado sistema sociopolítico, econômico e cultural, considerando todas as evidências disponíveis para interpretar as epidemias.

²¹ No ano de 252 d.C., os territórios africanos sob o domínio imperial foram invadidos por diversos povos e assolados pela peste, que parece ter vindo da Etiópia, por meio do Egito, em direção a Cartago, fato que completou um quadro de crises significativas nas províncias norte-africanas (BENSON, 1897, p. 241).

²² Kyle Harper (2015, p. 229-232) faz um tratamento cuidadoso das tradições narrativas sobre a praga que sobreviveram até nós, apresentando evidências sobre a origem dos relatos. A descrição dos sintomas e a epidemiologia da doença, por exemplo, podem ser extraídas fundamentalmente de diferentes excertos, tanto do relato de Cipriano quanto do de Filostrato, que introduzem a informação fundamental de que a doença poderia se espalhar pelo ar (HARPER, 2015, p. 229, 232). A *Praga de Cipriano* é apresentada também por Eusébio de Cesareia, em sua *História Eclesiástica* (VI, 40 – VII, 25). A narrativa sobre a praga, presente em Eusébio, é evocada por intermédio da versão dada por Dionísio de Alexandria, e ecoa uma

determinada tradição de narrativas gregas sobre pragas, como, por exemplo, em Tucídides e Diodoro Sículo, apresentando vários *topoi* compartilhados com outras tradições narrativas gregas (DE VORE, 2020, p. 5-6).

²³ Segundo Roger Chartier (1990, p. 17), os documentos fornecem certos tipos de informação que não são neutras, na medida em que são perspectivas particulares de uma realidade social que “buscam alcançar a universalidade por meio de estratégias”. As perspectivas particulares, apreensões do mundo, comportam parcelas de realidade e nos informam sobre as divisões e classificações produzidas e projetadas na vida em sociedade pelos grupos, bem como sobre a forma como estes concebem a ordem social, como se reconhecem e se relacionam entre si e com os outros. As classificações produzem sentido, hierarquias, identidades e, portanto, dizem respeito às relações de poder. Desse modo, se encontram também em um campo de concorrências com outras visões particulares de mundo que estão em busca de afirmação por meio dos membros de grupos sociais particulares. Especificamente, em nosso estudo de caso, os cristãos propõem politicamente uma nova maneira de enfrentar a epidemia, enquanto se opera ainda, em nível oficial, um modelo tradicional de enfrentamento e gerenciamento de epidemias que se categoriza como “romano” e “pagão”.

²⁴ Chamado de *Praga Antonina* ou *Praga de Galeno*, esse episódio foi associado a estas duas personagens: o imperador Marco Aurélio e o médico Galeno (GILLIAM, 1961, 225).

²⁵ Embora toda a literatura especializada indique que a representação da lira, no reverso da moeda, repousa sobre uma pedra, é digno de nota fazermos duas observações: 1) a imagem/representação de Apolo como curandeiro, em contexto de pandemia em moedas de Treboniano Galo, cujo filho, Hostiliano, morre exatamente da doença desse surto epidêmico, nos leva também a considerar que, talvez, 2) essa lira possa portar um simbolismo funerário. Nesse sentido, os trabalhos de Cerqueira (2013, p. 143-171) contribuem para a nossa inferência nessa direção. Ademais, Mattingly (1946, p. 41) argumenta que a presença de uma estrela em um conjunto de moedas também de Treboniano Galo poderia indicar referência a Hostiliano morto. De acordo com Mattingly (1946, p. 41), a “estrela é um símbolo de presságio feliz, mas seu significado exato aqui [nas moedas de Treboniano Galo, bem como nas de Volusiano] é incerto”, mas “pode sugerir, talvez, a divindade dos imperadores mortos, Décio, Etrusco e Hostiliano?”. Assim sendo, Apolo, a lira e a estrela poderiam indicar a associação de Treboniano Galo com a pandemia e a morte de seu próprio filho Hostiliano.

²⁶ Segundo Benson (1897, p. 243): “As medidas de alívio declaradas limitaram-se a éditos de caráter universal para realização de sacrifícios que expuseram o cristianismo a novas perseguições às populações que furiosamente marcaram sua atitude inconformista [...]”.

²⁷ Para Morris (2017, p. 137), as pragas funcionam como “abalos” que, em grande medida, são massivos para os sistemas socioeconômicos, forçando as pessoas a emitirem respostas, às vezes, com consequências desastrosas, outras vezes, fortalecendo ainda mais a sociedade e a economia, deixando-as mais consistentes do que antes do “abalo” provocado pela praga; por vezes, o “abalo” é tão severo que as pessoas, de tão sobrecarregadas [e comovidadas], se tornam sujeitos passivos diante do evento catastrófico. Disso, dependerá o colapso ou não dos sistemas socioeconômicos. Embora Parkin (1992, p. 63-64) seja cético quanto ao impacto de extensão demográfica da praga de Cipriano no Império Romano, por considerar o declínio demográfico relatado por Dionísio (registrado na *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesareia) um exagero, muito mais uma percepção demográfica do que uma realidade demográfica, Harper (2015; 2016) tem demonstrado que, de fato, a praga matou um número significativo de súditos do império e impactou a agenda dos membros da administração imperial. Essa administração direcionou atenção não só para praga em termos socioeconômicos, mas também, segundo nossa opinião, pela existência de vítimas na casa imperial, implicou com que a corte se voltasse para o controle da pandemia, haja vista as políticas religiosas imperiais e a presença significativa de Apolo na cunhagem de moedas.